A NEGAÇÃO COMO GOVERNAMENTALIDADE EM OLAVO DE CARVALHO

Lucas Monteiro Pullin
Mestrando no programa de pós-graduação em História
Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro)
lucaspullin@gmail.com

Resumo
O presente trabalho se propõe a fazer uma genealogia dos discursos postados pelo escritor Olavo de Carvalho no Facebook e, assim, apontar as estratégias que o negacionismo adota para a formação de uma governamentalidade. A partir dos óculos teóricos de Michel Foucault, entende-se que Carvalho nega fatos e acontecimentos para criar as próprias verdades e assim exercer poder entre seus seguidores. Para tanto, optou-se por analisar discursos produzidos entre os anos de 2019 e 2020 com enfoque nas narrativas antivacina e contra um suposto perigo comunista. O negacionismo, que começou a ser estudado após a Segunda Guerra Mundial, é repaginado no século XXI e, hoje, no contexto das redes sociais na internet, é chamado de pós-verdade e tem em Olavo de Carvalho um dos principais adeptos.

Palavras-chave: Negacionismo; pós-verdade; Olavo de Carvalho

Introdução

Quando o *Oxford Dictionary* colocou a expressão pós-verdade como a palavra do ano de 2016[1] o mundo passava por eventos de grande impacto e repercussão. A campanha do *Brexit*[2], a disputa eleitoral nos Estados Unidos - que seria vencida por Donald Trump - e o golpe que culminou com o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff no Brasil, por exemplo, foram marcados por fortes tensão e discussões nas redes sociais. Boa parte das narrativas criadas para defender ou criticar tais eventos negavam fatos como forma de influenciar os acontecimentos políticos (SANTAELLA, 2018).

No Brasil uma das figuras responsáveis pela profusão de discursos negacionistas foi o escritor Olavo de Carvalho. Considerado por muitos como o guru do presidente Jair Bolsonaro (ROCHA, 2021), sendo que o próprio presidente já declarou que o escritor é uma de suas influências[3], as narrativas e teorias conspiratórias criadas por Carvalho

---

[1] Disponível em https://www.bbc.com/news/uk-37995600. Acessado em jul. 2021.
[2] Sigla usada para representar o movimento de saída do Reino Unido da União Europeia.
[3] Disponível em https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1125716694536806405/photo/1. Acessado em mar. 2021.

passaram a permear o discurso oficial do governo federal e do conservadorismo brasileiro.

Diante da influência exercida por Olavo de Carvalho, este trabalho busca fazer uma análise genealógica dos discursos proferidos por ele no *Facebook* entre os anos de 2019 e 2020, que correspondem aos dois primeiros anos do governo Bolsonaro. Com isso buscamos apontar como Carvalho usa o negacionismo em duas questões chaves para a compreensão de seu pensamento, o comunismo e, mais recentemente, a pandemia de Covid-19.

Os óculos teóricos de Michel Foucault irão nortear as discussões aqui propostas. O negacionismo é compreendido como estratégia para o escritor exercer poder sobre algo ou alguém, criando uma espécie de governamentalidade negacionista (VALIM; AVELAR, 2020). Por governamentalidade entende-se um conjunto de táticas e estratégias usadas para se exercer o poder e conduzir as condutas dos governados (FOUCAULT, 2008). Essas táticas fazem parte do exercício do poder ou, em termos foucaultianos, do governo. Ou seja,

> um conjunto de ações possíveis sobre ações possíveis. Ele trabalha sobre um campo de possibilidades onde se inscreve o comportamento dos sujeitos que atuam: incita, induz, desvia, facilita ou dificulta, estende ou limita, torna mais ou menos provável, no limite, obriga ou impede absolutamente. Mas ele é sempre uma maneira de atuar sobre um ou vários sujeitos atuantes, e isso na medida em que atuam ou são suscetíveis de atuar. Uma ação sobre ações. (FOUCAULT, 1995, p. 243).

Assim, para Foucault, governar é conduzir condutas de um indivíduo ou de um grupo. Essa governamentalidade, no tempo presente, então, implica uma racionalidade baseada em procedimentos, técnicas e/ou tecnologias. Com isso, busca-se mostrar como esse poder é exercido a partir de enunciados negacionistas que se dizem amparados num saber que, mesmo falso ou não baseado em evidências científicas, é disseminado/replicado/compartilhado e, assim, passa a construir verdades, exercendo "uma espécie de pressão e como que um poder de coerção." (FOUCAULT, 2014, p. 17).

Não se busca, com este trabalho, discutir o estatuto de verdade nos discursos proferidos por Olavo de Carvalho, mas sim entender os efeitos da vontade de verdade olavista na sociedade. Por meio da análise será possível observar como os discursos negacionistas de Carvalho encontram ressonância nas ações governamentais. Segundo

Foucault (2018, p. 53), "por verdade não quero dizer "o conjunto de coisas verdadeiras a descobrir ou a fazer aceitar", mas o "conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribuiu ao verdadeiro efeitos específicos de poder"".

Olavo de Carvalho começou a escrever livros no início da década de 1990 e, ao longo dos últimos 30 anos, se firmou como uma das principais vozes do pensamento conservador brasileiro. Mas é a partir do início dos anos 2000 que ele ganhou mais notoriedade por conta da internet. Em 2002 Carvalho funda o site Mídia Sem Máscara (MSM) com o objetivo de reunir intelectuais conservadores contra a eleição do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e denunciar, já naquela época, o suposto risco do comunismo com o Partido dos Trabalhadores (PT) no poder (PATSCHIKI, 2012). A partir de 2013, com a emergência de movimentos conservadores organizados por meio das redes sociais e que ganharam às ruas em protestos contra a ex-presidenta Dilma Rousseff, Carvalho foi alçado à posição de destaque. Nos protestos passou a ser comum encontrar cartazes e camisetas com a frase "Olavo tem razão" (LERNER, 2019; ROCHA, 2021).

Este período de popularização de Olavo de Carvalho coincide com o período de revoltas e protestos por todo o mundo em que as redes sociais virtuais digitais tiveram grande destaque na organização e difusão de ideias (CASTELLS, 2012). Por outro lado, este processo permitiu também a rápida propagação de mentiras, negacionismos e todo o tipo de teorias conspiratórias. Nesse contexto, portanto, a expressão pós-verdade começa a fazer parte das discussões políticas. Por pós-verdade entende-se "circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal"[4].

Importante destacar que as discussões acerca do negacionismo começaram após a Segunda Guerra Mundial quando algumas pessoas passaram a questionar o holocausto. Por meio de técnicas discursivas, que envolviam distorções de fatos, manipulação de dados e mentiras, pensadores e acadêmicos questionaram, entre outras coisas, o assassinato de judeus pelos nazista e a existência das câmaras de gás como equipamento para extermínio nos campos de concentração (VIDAL-NAQUET, 1988).

---

[4] Disponível em https://www.lexico.com/definition/circumstance. Acessado em jun. 2021, tradução nossa.

No entanto, nos dias atuais a prática negacionista ganhou novo fôlego a partir das redes sociais virtuais e encontrou em Olavo de Carvalho um dos principais adeptos. O escritor nega a pandemia de Covid-19, nega as mortes ocorridas por causa da doença, defende a existência de um plano global de propagação do vírus que teria sido imposto pela China e por comunistas. O plano, segundo ele, seria implementado por meio da vacinação contra o Coronavírus. A pós-verdade do século XXI é o negacionismo do meio do século XX, repaginado e adaptado às tecnologias virtuais e ao ciberespaço. Assim como os negacionistas do passado, os negacionistas de hoje possuem um propósito, que é exercer poder por meio de discursos.

Para Foucault, é preciso, portanto, entender como se dão as relações de poder por meio das técnicas e táticas e, assim, entender o negacionismo como uma prática. Como diz Dunker (2017, s.p), "penso que a pós-verdade inaugura uma reflexão prática e política sobre o que devemos entender por verdade e sobre a autoridade que lhe é suposta". Ou, como ensina Foucault (1999, p. 52), é preciso

> ressaltar as relações de dominação muito mais do que a fonte de soberania, quer dizer isto: não tentar segui-las naquilo que constitui sua legitimidade fundamental, mas tentar, ao contrário, procurar os instrumentos técnicos que permitam garanti-las.

O negacionismo e a pós-verdade

Dunker (2017) vai apontar o atentado as Torres Gêmeas nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001 como marco para a utilização da tática do discurso negacionista no século XXI. Segundo ele, os ataques marcaram um movimento de transição em que a verdade passou a ser relativizada na entrada do novo século. A partir de discursos falsos, como a existência de armas nucleares, riscos de novos ataques e uma forte sentimento anti-islâmico, países foram autorizados promoverem guerras e, com isso, cresceram de maneira exponencial sentimentos de xenofobia e nacionalismos.

> Uma nova expressão cognitiva ascende com um novo tipo de irracionalismo que conseguiu recolocar na pauta temas como: o criacionismo contra o darwiniano, a relatividade da "hipótese" do aquecimento global, a suspeita sobre a indução e o autismo por vacinas e tantas outras teorias mais ou menos conspiratórias diluídas por um novo estado da conversa em escala global, facultado de modo inédito pelas redes sociais. Neste novo suporte, as crenças mais estranhas e regressivas adquiriram uma espécie de *backing vocal* garantido. (DUNKER, 2017, s.p).

No entanto, o discurso negacionista não é algo novo. Como mostram Vidal-Naquet (1988) e Jesus e Gandra (2020), o fenômeno começou a chamar a atenção após o final da Segunda Guerra Mundial com pesquisadores que negavam a existência do holocausto. Esse grupo de pensadores negacionistas passou a usar todos os artifícios disponíveis, como panfletos, estudos pretensamente científicos, livros "para destruir, não a verdade, que é indestrutível, mas a tomada de consciência da verdade" (VIDAL-NAQUET, 1988, p. 9). Os esforços eram para tentar encobrir e fazer desacreditar os horrores cometidos dentro dos campos de concentração nazistas.

> Pode-se sintetizar o discurso do movimento a partir dos seguintes argumentos: não houve genocídio e as câmaras de gás não existiram; o zyklon B era usado especificamente para a desinfecção de presos enfermos; a "solução final" não foi a tentativa de exterminar os judeus, mas sim a de expulsá-los para o leste europeu; as mortes dos judeus foram naturais, ou ocasionadas por tifo ou bombardeio aliado. O número de mortos, na opinião da maioria dos negacionistas, não passaria de 200 mil, a Alemanha não é responsável pela Segunda Guerra Mundial, os responsáveis eram os judeus; o genocídio é uma propaganda judia e dos países vencedores da guerra. (JESUS; GANDRA, 2020, p. 3).

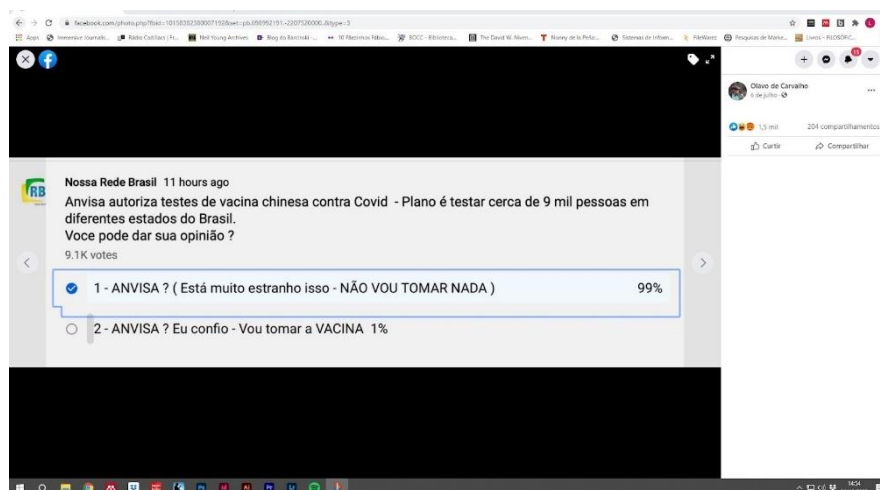
O problema foi que esse tipo de discurso não ficou restrito às críticas aos estados totalitários, o negacionismo ganhou mais adeptos com o passar dos anos. Hoje as teses que buscam negar fatos e acontecimentos e revisar períodos da história se espalharam para outras áreas do conhecimento, se enraizando nos debates da sociedade como um todo.

> O termo "negacionismo" que teve como "evento-matriz" a questão da negação do Holocausto passou a ser difundido para outras áreas dentro da disciplina histórica, como questionamentos em torno da história indígena, "da História africana e da escravidão, o impacto das categorias de raça e gênero nos estudos históricos, os revisionismos em contextos internacionais (com foco na questão da Inquisição e a perspectiva das direitas estadunidenses) e, por fim, os negacionismos e revisionismos em torno das ditaduras latino-americanas. (NAPOLITANO; JUNQUEIRA, 2019 apud JESUS; GANDRA, 2020, p. 10).

Quando entra o século XXI, os negacionistas ganham a força da tecnologia e os discursos passam a ser chamados de pós-verdade. A expressão, destacada como a palavra do ano de 2016 pelo *Oxford Dictionary*, deu um novo sentido ao negacionismo ao associá-lo às redes sociais na internet. Com isso, Santaella (2018) vai afirmar que a verdade passou a não ser mais problematizada, ela se tornou secundária, irrelevante. Reformulando a máxima atribuída a Joseph Gobbles, ministro da propaganda nazista, de que uma mentira repetida várias vezes se torna verdade, Santaella (2018, s.p) considera

que, na época da pós-verdade, “mentiras repetidas, compartilhadas e comentadas milhões de vezes dissolvem todas as fronteiras que as separam de uma possível verdade”.

Esta parece ser a estratégia utilizada por Olavo de Carvalho. Negacionista antivacina, Carvalho compartilhou no dia 06 de julho de 2020 uma enquete sobre a vacina contra o coronavírus, que ainda estava sendo desenvolvida. Na postagem - figura 1 - pede-se para que os internautas opinem sobre a vacina. O texto da enquete diz “Anvisa autoriza testes de vacina chinesa contra Covid - Plano é testar cerca de 9 mil pessoas em diferentes estados do Brasil”. Na opção 1 aparece a seguinte resposta: "ANVISA? (Está muito estranho isso - NÃO VOU TOMAR)”. Na opção 2 a resposta era: “ANVISA? Eu confio - vou tomar a vacina”. A postagem já traz o resultado, sendo 99% para a opção 1 e 1% para a opção 2.

Figura 1

Fonte: Facebook de Olavo de Carvalho[5]

Chama a atenção que a enquete postada por Carvalho foi compartilhada de um site chamado Nossa Rede Brasil, um portal na internet que se intitula “um canal conservador na *web*” e que afirma ter sido excluído do *Youtube* por suas opiniões[6]. O site é formado por conteúdos de apoio ao presidente Jair Bolsonaro, muitos deles postados sem identificação da fonte e de maneira anônima. Além disso, em nenhum momento é informado o número de pessoas que votaram na enquete. No entanto, só a postagem de Olavo de Carvalho já tinha sido compartilhada por 204 pessoas e 1,5 mil internautas

---

[5] Disponível em https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10158382380007192&set=pb.698992191.-2207520000..&type=3, acessado em dez. 2020.
[6] Disponível em https://nossaredebrasil.net/. Acessado em jul. 2021.

reagiram ao conteúdo. Como dizem Jesus e Gandra (2020, p. 5), "os negacionistas utilizam estratégias diversas [...] que são interpretadas de forma deturpada para dar credibilidade às suas teses".

A diferença entre o negacionismo do Holocausto, descrito por Vidal-Naquet (1988), e o do século XXI é que, com a velocidade das redes, os discursos são produzidos ao mesmo tempo em que os fatos acontecem e, assim, o número de pessoas atingidas é muito maior.

> Vocês se lembram dos bons e velhos tempos em que o revisionismo chegava muito tarde, depois que os fatos já tinham sido completamente estabelecidos, décadas após o acúmulo de evidências? Agora nós temos o benefício do que pode ser chamado de *revisionismo instantâneo*. A poeira do evento ainda nem acabou de baixar, e dezenas de teorias conspiratórias já começam a questionar a versão oficial, acrescentando ainda mais ruínas às ruínas, mais fumaça à fumaça. (LATOUR, 2020, p. 178).

No entanto, diante da estratégia empregada pelos negacionistas, entre eles Olavo de Carvalho, alguns questionamentos são importantes de serem feitos. A quem interessa a propagação dos discursos negacionistas? Qual o sentido na utilização da pós-verdade? Como o poder é exercido por meio da criação desse tipo de discurso? Ou então, como questiona Michel Foucault (2014, p. 8), "mas o que há, enfim de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?".

A verdade e as relações de poder

Foucault (2014) vai mostrar que o discurso é a arma para quem deseja exercer o poder sobre algo ou alguém, é por meio dele que se torna possível estender redes de domínio e controle, de governo. Para tanto é preciso estabelecer determinados procedimentos de ordenação dos discursos e garantir quem tem o direito de falar, sobre o que falar, em que lugar falar, e, é por meio dele, que se confere autoridade a alguém. Como diz Foucault (2014, p. 8-9), "em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos".

Percebe-se, desta maneira, que o discurso é muito mais do que conferir autoridade a quem fala, o discurso é o próprio objeto de desejo pelo qual se luta.

> Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisso não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar." (FOUCAULT, 2014, p.9-10).

Um dos procedimentos de ordenação dos discursos é a relação entre verdadeiro e falso. Como alerta Foucault (2014), para se entender esta relação é preciso fazer uma genealogia dos discursos e identificar não o estatuto de verdade, mas sim a vontade de verdade, ou seja, as intenções da pessoa que fala, as táticas empregadas, "a verdade é pensada como efeito, mera justificação racional de estratégias de poder presentes nas práticas sociais." (CANDIOTTO, 2010, p. 50).

Neste ponto Foucault (1999) vai apontar que a vontade de verdade é o único caminho para o exercício do poder. Sem a produção de verdades não há poder, não há como manter a relação de forças no interior da sociedade.

> Elas não podem dissociar-se, nem estabelecer-se, nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação, um funcionamento do discurso verdadeiro. Não há exercício de poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcionam nesse poder, a partir e através dele. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercer o poder mediante a produção da verdade. (FOUCAULT, 1999, p.28-29).

O discurso produzido por Carvalho pode ser analisado sob esta ótica foucaultiana, justamente no ponto em que cria uma verdade que só ele, supostamente, teve acesso, que só ele conhece. A figura 2, que é uma postagem feita no dia 28 de fevereiro de 2019, mostra como funciona a tática discursiva e aponta para a compreensão de que a verdade está diretamente ligada a sistemas de poder (FOUCAULT, 2018).

Figura 2

Fonte: Facebook de Olavo de Carvalho[7]

Antes de analisar a postagem, é preciso entender o contexto em que a educação brasileira estava inserida em fevereiro de 2019. O presidente Jair Bolsonaro tomara posse há dois meses e, na ocasião, o ministro da educação era Ricardo Vélez Rodríguez, um professor ligado a Olavo de Carvalho. Vélez Rodríguez enfrentava problemas por causa de decisões polêmicas, como a autorização para alunos filmarem e denunciarem professores e o anúncio de revisão de livros didáticos para alterar a maneira como o regime militar era retratado, por exemplo. O ministro foi demitido no dia 8 de abril do mesmo ano e no lugar dele assumiu Abraham Weintraub, também ligado ao escritor[8].

A postagem mostra como Olavo de Carvalho buscava influenciar e pautar as discussões a respeito da política educacional do país. Mesmo não fazendo parte do governo, Carvalho tinha certa influência sobre o ministro que, por sua vez, compartilhava de suas ideias. Isso mostra, também, como a governamentalidade está diretamente ligada ao discurso olavista.

A partir dos dois exemplos (figuras 1 e 2), é possível perceber que as preocupações de Olavo de Carvalho são em negar fatos que irão atingir a população como um todo. O primeiro exemplo aponta para um suposto risco da vacina contra a Covid-19. Já o segundo é uma mensagem que vem na esteira do risco de doutrinação comunista, uma das principais obsessões do escritor e que é propagada pelos seguidores da doutrina olavista como forma de atacar as instituições de ensino.

---

[7] Disponível em https://www.facebook.com/olavo.decarvalho/posts/10156963288537192. Acessado em jul.2021.
[8] Disponível em https://www.facebook.com/olavo.decarvalho/posts/10156963288537192. Acessado em jul.2021

Os problemas da população marcam o que Foucault (1999) vai chamar de biopolítica, período em que a vida biológica passa a ser colocada como foco da política. São problemas que envolvem a natalidade, a mortalidade, a medicina, longevidade, educação etc. O surgimento da biopolítica vai possibilitar outros entendimentos sobre o poder. Uma dessas preocupações diz respeito a formas de governo - de si e do outro (FOUCAULT, 2008). Esta forma nova de pensar a sociedade vai marcar a formação dos grandes Estados europeus e será entendida como uma arte de governar. Assim como o poder perpassa todo o corpo social em micropoderes (FOUCAULT, 1999), o governo também é exercido por todos. Todos governam e são governados. A isso Foucault vai chamar de governamentalidade.

> Entendo o conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. (FOUCAULT, 2008, p.143)

O ponto fundamental da governamentalidade é entender que o objetivo é conduzir as condutas das pessoas. Por meio de técnicas e táticas, o exercício do poder vai se basear no apontamento de caminhos que levam ao objetivo perseguido pelo governante (FOUCAULT, 2008). Por meio de mecanismos de controle e da criação de verdade, Olavo de Carvalho busca conduzir a conduta de seus seguidores de forma que estes acreditem que ele é a pessoa que tem respostas para os problemas da sociedade, como se fosse uma espécie de guru que consegue ver, antecipadamente, os perigos do mundo, apontar inimigos e os caminhos a percorrer.

Carvalho cria, de certa forma, um movimento que é classificado por Foucault (2008) como contraconduta. Esse conceito será usado para explicar como, a partir do século XVI, surgem ideias que vão contra à ordem vigente, ao poder soberano do príncipe e ao poder pastoral do cristianismo. Esses movimentos vão questionar as condutas que eram impostas na época, mas o que eles querem, realmente, é instaurar outros sistemas de condução de conduta.

Olavo de Carvalho questiona a ordem institucional vigente, mas com o foco de que as pessoas sigam o que ele fala e que sejam conduzidas pelos caminhos por ele defendidos. “São movimentos que têm como objetivo outra conduta, isto é: querer ser conduzido de outro modo, por outros condutores e por outros pastores, para outros

objetivos e para outras formas de salvação, por meio de outros procedimentos e de outros métodos" (FOUCAULT, 2008, p. 257). Como explica Deleuze, isso quer dizer que as técnicas para a condução de condutas nada mais são do que o próprio exercício do poder.

> Pode-se então conceber uma lista, necessariamente aberta, de variáveis exprimindo uma relação de forças ou de poder, constituindo ações sobre ações: incitar, induzir, desviar, tornar fácil ou difícil, ampliar ou limitar, tornar mais ou menos provável... Essas são as categorias do poder. (2019, p. 73)

Conclusão

A criação de discursos negacionistas não se dá por desinformação e ingenuidade de quem o propaga, mas sim com uma intencionalidade, como uma forma de governamentalidade, ou seja, a negação faz parte de um conjunto de táticas estratégias para o exercício do poder (FOUCAULT, 2008). O discurso de Olavo de Carvalho se insere neste conceito. Por meio de manipulação de dados (como visto na figura 1), o escritor distorce fatos e cria as próprias verdades que circulam pelas redes sociais na internet.

O negacionismo que começou a ser discutido após o final da Segunda Guerra Mundial com o objetivo de negar o massacre de judeus nos campos de concentração nazistas (VIDAL-NAQUET, 1988), ganhou nova força com as redes sociais. Hoje o fenômeno é conhecido como pós-verdade, mas os propósitos são os mesmos dos negacionistas do meio do século XX, distorcer fatos e criar mentiras com uma finalidade específica, exercer o poder. Segundo Santaella (2018, s.p), a produção de discursos negacionistas na época da pós-verdade,

> acaba por gerar crenças fixas, amortecidas por hábitos inflexíveis de pensamento, que dão abrigo à formação de seitas cegas [...] Isso acaba por minar qualquer discurso cívico, tornando as pessoas mais vulneráveis a propagandas e manipulações, devido à confirmação preconceituosa de suas crenças. (SANTAELLA, 2018, s.p).

A estratégia olavista fica mais evidente sob os óculos foucaultianos, uma vez que o poder só é exercido por meio da produção de discursos de verdade. Nas palavras de Foucault (1999, p. 29), "somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar; temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou a encontrá-la". Sem produzir verdades por meio de discursos negacionistas, portanto, não existiria Olavo de Carvalho.

Referências bibliográficas

CANDIOTTO, Cesar. **Foucault e a crítica da verdade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Curitiba: Champagnat, 2010

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2019.

DUNKER, Christian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. *In*: DUNKER, C; et al. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017. *E-book*.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

________. **A ordem do discurso**. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

________. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

________. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

________. O Sujeito e o Poder. *In*: DREYFUS, H; RABINOW, P. (Orgs.). **Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

JESUS, Gustavo Nóbrega de; GANDRA, Edgar Ávila. O negacionismo renovado e o ofício do historiador. In: **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 46, n. 3, p. 1-17, set.-dez. 2020. Disponível em https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/article/view/38411. Acessado em jul. 2021.

LATOUR, Bruno. Por que a crítica perdeu a força? De questões de fato a questões de interesse. In: **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v.29, n.46, p.173-204, jan.-jun. 2020. Disponível em http://oquenosfazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnfp/article/view/748. Acessado em jul. 2021.

LERNER, Celina. Sobre o que falam os fãs de Olavo de Carvalho? Uma análise computacional de comentários no Facebook. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 42., 2019, Belém. **Anais** [...] São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-2215-1.pdf. Acessado em jan. 2021.

PATSCHIKI, Lucas. **Os leitores da nossa burguesia**: o Mídia Sem Máscara em atuação partidária. 2012. 176 p. Dissertação. (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2012.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Caminhos, 2021.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?.** Barueri: Estação das Letras e Cores Editora, 2018. *E-book*.

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre. Negacionismo histórico: entre a governamentalidade e a violação dos direitos fundamentais. **Revista Cult**, São Paulo, 3 de set. 2020. Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/negacionismo-historico/. Acessado em jun. 2021.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória**: um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo. Campinas: Papirus, 1988.